



CASA DE LAMARTINE.

## A. DE LAMARTINE.

## I

Fallando do insigne poeta do Jocelin e das Harmonias, não tentamos fazer nem uma biographia, nem uma apreciação litteraria do grande escriptor. Vamos simplesmente dar uma noticia rapida da vida deste homem tão notavel pela sua vasta intelligencia como pelos dotes eminentes do seu caracter moral.

Temos aberto diante de nós o volume das *Confidencias*; correndo os olhos pelas primeiras paginas conhecemos a historia da publicação deste livro. A casa paterna, o lar amigo onde o poeta recebera o primeiro e o ultimo osculo dos labios maternos, vão vender-se.

Em cada pedra, em cada tronco de arvore, em cada palmo de terra, tem entalhada uma memoria querida dos dias da infancia, uma recordação suave dos primeiros e descuidosos annos da juventude.

Os sitios que foram testemunha dos sorrisos e lagrimas da nossa adolescência não esquecem jámais. O grande espirito, o homem que poucos mezes antes affrontára sem empallidecer a morte no meio dos tumultos civis, subjugando com o poder magnetico da sua palavra o povo em revolta, treme como a creança e faltam-lhe as forças para assignar o contracto da venda de Milly.

Vol. V.—3ª. SERIE.

As *Confidencias*, *essas paginas arrancadas do liero do coração* como elle lhe chama, foram o preço porque o auctor dos Girondinos, o primeiro nome da Republica, em seguida a deixar o poder, reivindicou o ninho paterno.

A Providencia cria ás vezes destes homens para que as gerações futuras vejam nelles um protesto eloquente contra a dissolução moral da epocha em que viveram.

Todavia a critica implacavel não lhe perdoa a publicação deste livro intimo; nas suas expansões mais ingenuas, pretende ver borbulhar a vaidade, e a satyra mordaz accusa a obra até pela singelleza e sinceridade com que é escripta.

## II

Estamos no primeiro periodo da juventude do poeta; Milly, como dissemos, é a vivenda dos seus maiores.

Aquelle horisonte não basta para os vôos da sua imaginação que desprende as azas com todo o impeto dos 18 annos.

A mãe com o finissimo tacto, e precioso instincto da mulher que ama, adivinha a causa da tristeza do filho. As pequenas economias compatíveis com as forças de uma modesta fortuna, reunidas pelo decurso de muitos annos, são-lhe entregues por ella

Julho 5, 1856.

um dia, e Lamartine separando-se pela primeira vez dos braços da familia, deixa a França, e vae passar alguns mezes a Italia.

É alli

*Sur la plage sonore où la mer de Sorrente  
Deroule ses flôts bleus au pied de l'oranger.*

que os olhos meigos e azues ferretes de Graziella, da filha do pobre pescador de Prócida se volvem com ternura para elle, accendendo-lhe n'alma a chamma suave do primeiro affecto.

Mil vezes que tenhamos lido as *Confidencias*, em chegando a este episodio da vida do illustre escriptor, não podemos deixar de sentir uma impressão sincera e profunda. Quanta melancolia, e quanta saudade respira desse quadro tocado pelo seu pincel ao vivo! O cantor das meditações devia ter representado o principal papel nesse drama, tão natural, tão simples e tão profundamente doloroso! Passados tantos annos, e desenhadas á luz da verdade essas scenas, conservam ainda todo o vigor e frescura da juventude! É que o coração não envelhece jamais naquelles que a Providencia coroa das immarcesciveis palmas do genio. Sobre o pequeno terraco da humilde casa, em presença do mar cuyas ondas azuladas e bonançosas vem quebrar-se nas areias da margem, á luz pallida das estrellas, o poeta escuta dos labios tremulos da encantadora italiana os primeiros juramentos de amor; amor puro e suave como o perfume das veigas que o rodeam, grande e profundo como o mar que se lhe desenrola diante dos olhos, casto e sereno como o azul do firmamento que os cobre! É solemne este baptismo de amor que o genio recebe no berço dos grandes artistas, e dos immortaes poetas! Foi elle que mais tarde fecundou na sua alma o estro que tem legado á França poemas como os de Jocelin, versos como os das Harmonias, paginas como as dos Girondinos, e das *Confidencias*!

Passados alguns mezes, as longas conversações á luz pallida da lua, o extasi de um affecto sem termo, as leituras á noite no *astrico*, toda essa vida, cheia de sensações ora alegres e suaves, ora amargas e profundas, porem sempre saudosas e queridas, tem de acabar. Uma carta de França vem pôr termo a tudo.

As conveniencias, as considerações, os meios positivos, estes implacaveis algozes do coração humano, obrigam-o sem remedio a separar-se da pequena ilha, da pobre choupana do pescador, a dizer em fim o ultimo *adeus* a Graziella.

Os dias descuidados da sua juventude terminam aqui.

A ingenua filha de Prócida tambem ao ver que vae separar-se do seu primeiro e ultimo affecto, sente que só na morte pode encontrar remedio para a saudade que esse golpe lhe abriu no coração.

A rola viuva, pouco tempo depois, com o extremo expirar da tarde, abandona a terra onde ficara só, e vae esperal-o em espirito na patria que Deus destinou aquelles que viveram unicamente para o amor e para a abnegação.

*Continua.*

BULHÃO PATO.

A historia das eras passa-las mostra-nos o genio do fanatismo, sentado sobre ingentes montões de humanas ossadas.

## CHRONICAS MONASTICAS.

I

PARA SERVIR DE PROLOGO

(Continuação.)

Agora voltemos a medalha pelo reverso, para mostrar que sabemos ser imparciaes, e que nem a affectação nos cega, nem antepomos á verdade nenhuma conveniencia. Diremos que nos mosteiros tambem se commettiam muitos abusos, e que esses foram causa de por varias vezes se proceder á sua reforma, e se lhe enviarem homens de consciencia e de religião para os extirpar. Mas repetiremos o mal provinha dos homens, e nunca da instituição. N'essas mesmas chronicas e documentos a que temos de nos socorrer para o nosso trabalho havemos encontrado e publicar muitos d'esses casos, que se não fóra a authenticidade dos instrumentos onde estão lançados, seria realmente para *dauidar* d'elles.

Aqui vem a pelo uma declaração, que desde já ficará assentada para sempre. Temos fallado de alguns nomes distinctos em as nossas letras, e ainda não citamos o de um profundo archeologo que não cede em competencias com os nossos mais illustres, e que até mesmo consecutivas vezes é por elles consultado. A este somos devedores de muitas illustrações e valiosissimas indicações dos manuscritos e documentos que se archivam na Torre do Tombo, e na Bibliotheca Publica e da Academia das Sciencias. A muita amizade e a muita frequencia que temos com o sur. Rodrigo Felner, ia sendo causa desta ingratidão. Felizmente que nos achámos a tempo de reparal-a, dar-lhe-hemos o desforço sobejamente avultado. Chamar-lhe-hemos uma bibliotheca viva, uma Torre de Tombo ambulante, um phenomeno mnemonicico que ainda hoje não apreciámos bem, porque todos os dias ahi o acotevelámos pelas ruas, nos encontramos com elle, e o interrogamos sobre o que precisamos saber ou conhecer. Sua verdadeira estima só lha saberemos dar depois dessa triste hora da humanidade em que principia a posteridade, porque não tendo já á mão este indice vivo dos nossos escriptores antigos, este veridico repertorio de quantos manuscritos nos legou a antiguidade, este engraçado collecter de quantas anedoctas e factos graves estão espalhados por essas chronicas, este entendido cultor das letras patrias, que tem passado os seus dias e consumido as horas mais formosas da sua existencia entre o pó dos pergaminhos que compulsa, e que de memoria immediatamente cita o que carecemos saber apontando onde encontral-o, sem uma vez só ainda o termos apanhado em falha — não o tendo já á mão, dissemos, saberemos então pela triste experiencia quanto custa ajuntar tamanhos thesouros de intelligencia, perdendo ás vezes horas e dias consecutivos unicamente para descobrir se na epocha tal se usava um ferragoulo, ou capote de mangas curtas chamadas de descanzo, e um capêlo; se os calções eram de risso, ou outro qualquer estoffo; a forma de um sombreiro, e outras miudesas iguaes, que a muitos parecerão insignificantes bagatellas, e são porem valiosissimas preciosidades para a verdade da historia e da pintura dos costumes, e são o complemento dos quadros traçados por mão de mestre, e que se acham tão escondidas naquelles velhos pergaminhos que muitas vezes o investigador chega a desa-

nimar de as encontrar ao cabo de folhear muitos e grossos cartapacios!

Estas bagatellas, estes insignificantes nadas que se não apreciam como devem, são os que contribuem para a reputação do artista, assim como concorrem para a animação das scenas do poeta dramatico, e do romancista. Que cousa mais ridicula que o anachronismo da pintura em azulejo do bemaventurado Santo Antonio, cuja devota imagem estava collocada por cima da antiga porta da alfosa, no acto de livrar o pai da forca, e rodeado de frades jesuitas, que só appareceram no mundo quasi tres seculos depois do milagre alli figurado? Como seria para rir ver no theatro o nosso esforçado D. Affonso Henriques, ou D. João I trajando a casaca de seda e a longa cabelleira d'elrei D. José, em vez d'aquellas cotas de malha e aquelles arneses, e aquelles elmos com que affrontaram os alfanges serracenos e as lanças hespanholas? Como seria irrisorio ver na mão do esforçado grão-mestre dos Templarios em vez da espada, um arcabuz com o seu competente mórão, a fazer fogo sobre um descendente de Agar? Seria a reprodução do quadro d'aquelle magano pintor que para dar novidade á representação do sacrificio de Abrahão, lhe meteu um trabuco nas mãos, e lho apontou sobre o seu querido Isaac, prompto a offerecel-o em holocausto se um anjo lhe não apagassem a escorva!

Aqui está entre outras mil cousas para o que serve o conhecimento da archeologia. Para fugir a todos estes revoltantes anachronismos.

Porém estes conhecimentos não se adquirem sem muito estudo, e n'este é profundo o sr. Rodrigo Felner, que por uma mal cabida modestia, se occulta aos olhos do vulgo sumindo-se nas mais escuras salas das bibliothecas publicas, ou escondendo-se no seu gabinete entre os seus livros que os possui valiosissimos, conhecido e frequentado por poucos mas intelligentes homens de letras, e só por estes devidamente avaliado. Aqui ficamos vingados e bem vingados do involuntario esquecimento em que iamso caíndo.

Porém, por amostra, um d'esses factos, que devemos á indicação d'este nosso amigo. Sabido é que o tabaco sempre foi entre nós um contracto real, e de que o estado successivamente foi colhendo rendimentos que com o andar dos tempos se tornaram avultados. Leis severas se hão decretado para punir aquelles que defraudam pelo contrabando os interesses dos contractadores, e apesar d'ellas em todos os tempos tem apparecido fabricantes de tabaco, e passadores d'elle, excitados pelo lucro colhido na contravenção. Não admiraria nos seculares este trato especulativo, porém é para sombrear que nos mosteiros se fizesse o contrabando em grande escalla! De muitos processos sabemos feitos por esse motivo aos frades, mas bastará citar um que succedeu nos tempos da regencia do infante D. Pedro, que depois foi o segundo monarcha d'este nome, quando o infeliz D. Affonso VI passou do seu encerro no palacio de Cintra para o tumulo onde se furtou para sempre aos rigores d'um cruel irmão. Figurava no processo o abbade do mosteiro de S. Bento, como domno de uma fabrica de tabaco estabellecida no mesmo mosteiro. Acharam-se lhe os instrumentos, e dous saccos com o genero em pó. Chegou o caso a resolução de consulta, que teve logar em 29 d'abril de 1676, para o abbade ser expulso do reino. Até aqui o facto. Agora as curiosidades do processo chamam a attenção pelas allegações de uma e outra parte, e pelo pedantismo d'aquellas eras. Citou o abbade o exemplo

de Deos que não condemnou Adão sem o ouvir; e a junta oppoz-lhe os exemplos d'elrei David, e d'elrei Creonte quando desterrou Medea pelas informações secretas que certo ministro seu lhe dera, dizendo mais, que o principe pode, quando julga, condemnar o delinquente sem o ouvir! Acaso já se viu tambem prova mais eloquente de uma erudição tão pesada? D. Pedro que não era muito propenso a perdões, resolveu a consulta como se propunha, e o abbade foi fazer tabaco em pó lá fora de terras de Portugal, onde o genero não fosse contracto, e melhor soubessem avaliar-lhe o saber artistico do que na ingrata patria onde tão mal se lhe recompensava o merito!

Ora já basta de introdução. Dissemos muito, e talvez de mais para os limites d'esta folha; mas emquanto ao trabalho e a sua utilidade dissemos realmente ainda pouco, e ficamos muito áquem de tudo que deveriamos dizer. Faremos com tudo graça de todas essas cousas ao ledor curioso que esteja com desejos de entrar na materia, porque como ella é extensa naturalmente de si, não devemos cortar-lhe pela desejo de se instruir, só pelo prazer de estendermos mais umas paginas da nossa introdução. Não devemos porém occultar-lhe que n'este escripto não encontrará nem galas de erudição, nem efflorescencias de estylo, nem arrosos de eloquencia: pois fica provado n'essas precedentes linhas que ahí estão estampadas, que não primamos em taes bellezas, nem temos o necessario condão para as entertecer e ingrinaldar. Primaremos sim em ser fieis e escrupulosos no transumpto dos pergaminhos a que vamos recorrer, cortando-lhes pelo desnecessario, arido, e agreste, para somente lhes offertar o necessario, agradável, e util. Para o leitor que arremessar para longe de si este papel, anojado só pelo titulo de *Chronicas monasticas* tambem fazemos um serviço não pequeno em lhe pormos aqui ponto: porque lhe deixamos mais largo campo no jornal para outros assumptos que melhor forem do seu gosto. Por isso não lhe quereremos mal.

Agora só uma explicação do motivo porque principiaremos as nossas chronicas pela companhia de Jesus com preferencia a qualquer outra religião. Por que se illustrou no reino e no mundo pelos serviços, e pelas letras, e ao cabo de dous seculos de existencia em Portugal, foi a religião que se apresentou mais nobremente victima resignada ao sacrificio depois d'aquelle grande exemplo dado ao mundo com a extincção dos Templarios, em 2 de maio de 1312, quasi quatro seculos e meio antes. Porque os agravos que se lhe imputaram para aquella grande catastrophe não estão tolos ainda bem liquidados á face dos documentos historicos. Porque o martyrio, e longo foi o que muitos d'elles soffreram, illustra sempre as victimas. Porque finalmente foram elles, os que precederam quasi um seculo o cataclysmo geral que em 1834 derrubou as ordens monasticas. Tem por isso indisputavel jus á nossa preferencia sobre todas as outras.

(Continua)

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

#### A HARPIA DA AMERICA.

Este possante volatil é entre as aves do novo hemispherio o terror dos bosques e montanhas, como em o mesmo solo é na ordem dos quadrupedes o jaguar ou tigre americano: ambos são igualmente feroces e devastadores. A harpia não é inferior ás ou-



tras aguias que habitam as serranias da Europa e da Asia: onde ordinariamente se encontra é nos logares mais reconditos das florestas da Guyana, até agora quasi inacessiveis aos homens; é d'uma audacia e voracidade extremas, sem hesitação acomette as prezas mais valentes, e das regiões do ar caé de xofre contra mamiferos duas vezes mais corpulentos do que ella, derruba-os a golpes de seu bico reforçado, duro e revoltto, levanta-os nas rijas garras e os transporta com vigor e rapidez sem igual até o escondrijo onde os devora.

Os individuos d'esta especie, limitada áquella parte da America meridional, são pouco numerosos, e os seus habitos pouco conhecidos.

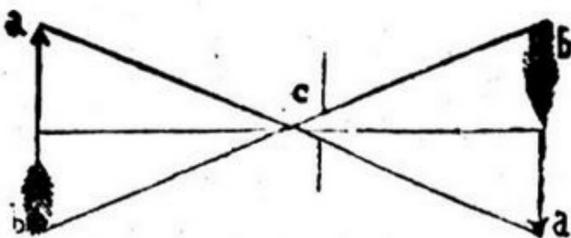
M.

## PHOTOGRAPHIA.

(Continuação.)

Theoria. — A theoria optica é a mesma que a da camera escura, e por isso as imagens são invertidas (1). Pelo que diz respeito á acção da luz essa é mais

(1) Os raios que partem dos differentes pontos d'um objecto *a b* passando atravez da abertura *c* cruzam-se e vão dar sobre um alvo a imagem *a' b'* invertida



se na abertura *c* se colloca uma lente convergente, isto é uma substancia transparente capaz de fazer recair os raios luminosos, a imagem fica distincta

difficil d'explicar, e apresentaremos o que ha de mais notavel n'este assumpto depois de concluirmos a descripção do processo.

*Revelação.* — A chapa tira-se da camera, e não se vê a imagem; deve abrigar-se da luz aliás o iodoreto de prata escurece. — Para que a imagem seja visivel é necessario submettel-a á acção de certas substancias, que se dizem reveladoras; o mercurio é a melhor d'essas substancias.

A exposição aos vapores do mercurio é feita do modo seguinte: em uma caixa de madeira cujo fundo é de folha de ferro, deita-se algum mercurio. A chapa que veio do daguerreotypo colloca-se na parte superior da caixa, sobre um caixilho que tem a inclinação de 45°. Fecha-se a caixa, e aquece-se o fundo com uma lampada d'alcool até que um thermometro, que o instrumento tem suba a 45°, retira-se então a luz e o thermometro continuará a subir até 55 ou 60°.

Será escusado dizer que o aquecimento tem por fim promover a volatilisação do mercurio. — Passados alguns minutos repete-se o aquecimento do mesmo modo e vê-se se a imagem vai apparecendo, para o que o observador olha, por um vidro branco, que está na parte anterior e superior da caixa ao mesmo tempo que applica uma luz a um outro vidro côrado e que está na parte lateral e superior. — Advirta-se sempre que todo este trabalho é feito n'um quarto escuro. As vezes é necessario muito tempo para que a imagem se revele, devemos antes prolongar do que abreviar esta operação.

O mercurio volatilizando-se, só se dirige sobre as partes impressionadas pela luz e abi se fixa, não ficando amalgamado, pois se destaca facilmente.

A imagem não se pôde conservar senão na obscuridade, pelo que é necessaria uma nova operação, que é a *Lavagem*. Lava-se a chapa primeiro com agoa e depois com uma dissolução concentrada e filtrada de hyposulfito de soda, acabando-se com uma nova lavagem em agua destillada.

A operação que acabámos de descrever, serve para tirar de chapa toda a camada sensivel sobre que a luz não actuou, o hyposulfito de soda tem a propriedade de a dissolver sem atacar a parte impressionada. — Consegue-se pois ter uma imagem que se pôde expor á luz sem desaparecer. O trabalho ainda não está concluido, a imagem destroe-se com grande facilidade pela acção de causas as mais insignificantes; não se pôde conservar.

Foi em 1840 que mr. Hypolito Fizeau descobriu o meio de conservar as photographias em chapa, e chama-se fixação á operação com que isso se consegue.

*Fixação.* — Cobre-se a chapa d'uma dissolução de chlorureto d'ouro, e aquece-se, até que comecem a apparecer bolhas, e a imagem a fazer-se mais intensa. Nesta operação o ouro se combina com o mercurio, que forma os brancos augmentando-lhes a solidex e o brilho. Os negros reforçam-se igualmente pelo deposito d'uma tenue camada de ouro sobre a prata que os fórma.

Quanto á dissolução de ouro, a que geralmente se emprega, é formada de:

Chlorureto d'ouro.....	1	gramma.
Agoa.....	800	»
Hypesulfito de soda.....	4	»
Agoa.....	200	»

Dissolva, misture, e filtre.

As operações estão terminadas, a chapa deve collocar-se em caixilho e resguardar-se com um vidro.

É agora a occasião opportuna de dizermos alguma cousa da theoria da acção da luz sobre as substancias sensiveis. Tem sido principalmente Moser quem se tem occupado d'esta questão. Em virtude de suas experiencias elle estabeleceu o seguinte principio: quando dous corpos estão sufficientemente próximos elles imprimem sua imagem um sobre o outro. Não é necessario operar de dia, as imagens ainda se obtêm operando ás escuras. Não se pode explicar o phenomeno pela phosphorescencia, por quanto um corpo que esteve na obscuridade muitos dias, e outro analogo que esteve exposto ao sol, dão logar a duas imagens ignaes.

Fizeram-se differentes experiencias que Encke, Humboldt e outros repetiram e verificaram. Moser estabeleceu que existia a luz latente, assim como havia calorico latente. Este objecto tem sido muito estudado por outros, que recorrem a outras explicações.

Quando se estuda a influencia dos differentes raios sobre a camada sensivel vê-se que nem todos operam do mesmo modo. Já dissemos que a luz branca se podia considerar formada de sete cores principaes. São só os raios violetes e azues que operam no primeiro tempo de exposição. Mais tarde operam já os raios alaranjados e vermelhos, e por fim os verdes e amarellos. D'ahi vem a distincção feita por Becquerel dos raios em *excitadores* e *continuadores*; isto é, raios que podem actuar chimicamente sobre as substancias independentemente d'outros raios, e que só podem continuar a acção começada pelos primeiros.

Para bem perceber a differença entre os raios continuadores e excitadores bastará apresentarmos um exemplo. Se adiante d'uma chapa iodada se colloca um vidro amarello a imagem não se forma. Se a chapa tiver estado antes, por algum tempo, ainda que pouco, exposta aos raios azues ou violetes, a imagem se formará: quer dizer, os raios amarellos não podiam começar, porem poderão continuar a alteração da camada sensivel.

**Cores.** — Diversos são os artificios que se empregam para illuminar as photographias. Umas vezes applicam-se immediatamente as materias corantes, diluidas em espirito de vinho. As substancias que mais geralmente se empregam, são o ultramar, o carmim, o amarello de chromio, e o azul de Prussia. Outras vezes empregam-se tintas transparentes pela parte posterior do vidro que deve proteger o retrato. Finalmente alguns applicam pequenas porções de bandruche córado, sobre as partes que devem apresentar cor.

Devemos declarar que é um crime artistico o illuminar á mão uma imagem photographica, poderá agradar a quem não tenha idéas d'arte; porém a um entendedor desagradará sempre.

A belleza da photographia, está nas sombras, e na perfeição dos detalhes, esse é o seu verdadeiro merecimento artistico. Não teriamos a dizer o mesmo se fosse a luz quem se encarregasse da coloração.

Differentes tem sido as tentativas feitas pelos photographos para obterem as imagens com as cores dos objectos. Infelizmente o problema ainda não se resolveu, e por em quanto pouca esperanza póde haver em sua solução. É certo que já se tem obtido imagens de spectros solares intensos com todas as cores, tambem é verdade que Daguerre descobriu uma substancia, que dava cor vermelha depois de exposta á luz vermelha, outra que se fazia verde e uma

terceira que se fazia azul, cada uma na luz dessa cor. Misturando as tres substancias de que acabamos de fallar, obteve o pintor francez um composto que se fazia vermelho no vermelho, azul no azul, etc. estas experiencias leváram M. Arago a dizer que talvez pela mistura de differentes materias resinosas se conseguisse formar um verniz no qual cada luz imprimisse photogenicamente a sua cor (1).

Um americano inglez M. Hill lembrou-se um bello dia do proveito que se podia tirar da descoberta do grande problema de photographia. Apresentou-se declarando que tinha cortado o nó Gordio e que possuia um processo tão simples, que bastava ler um opusculo que elle ia publicar, para que qualquer podesse obter imagens coloridas. O producto liquido da venda do folheto foram 70:000 francos. Não foi só em toda a America ingleza onde se calculam em mais de 40:000 os amadores e curiosos de photographia, foi por toda a Europa que o livro de Hill se espalhou. O pasmo dos leitores foi extraordinario, pois acharam uma resumida descripção dos processos photographicos e apenas n'um canto appareciam algumas linhas que diziam estar resolvido o problema, porém que só seria apresentado ao publico depois de maduro exame. Eis em que ficou o grande *canard* de M. Hill.

O problema tem bastantes difficuldades para se poder resolver, pois seria necessario ter uma substancia unica que fosse susceptivel de tomar differentes cores, conforme a cor de luz que a impregnasse, o que talvez seja tão facil de achar como a pedra philosophal. Outra difficuldade e de grande vulto, é a seguinte: as cores da maior parte dos corpos são compostas, e além disso tem sempre mistura de luz branca, logo muito mais difficil se torna a resolução da questão.

Dizer que nunca se obterão imagens photographicas fixando as cores dos objectos, seria expôr-se a errar; não tem o nosso seculo presenciado verdadeiras maravilhas?

O que podemos dizer sem receio de contradicção, é que no estado actual da sciencia parece que não se conseguirá. Apesar de tudo, M. Niepce de S. Victor continúa a fazer todos os esforços para achar a solução do problema, oxalá que seus trabalhos sejam coroados d'um resultado feliz.

Antes de passarmos ao estudo dos outros ramos da photographia, diremos alguma cousa da posição mais conveniente a dar ao objecto que se pretende copiar, ou ao instrumento quando o objecto é fixo. O que se vae dizer, applica-se tanto á photographia em chapa como aos outros ramos desta arte.

**Do objecto a copiar.**—O modello deve ser bem collocado para que o retrato venha bom. Deve estar bem no fóco, o que se gradua pelo vidro despolido, attendendo a que segundo boas opiniões o fóco photogenico nem sempre coincide com o fóco luminoso. O individuo estará de lado, olhando para um ponto afastado podendo pestanejar, mas logo depois fixando novamente a sua mira. Quando o modello tem d'esperar alguns minutos deverá encostar-se convenientemente. A luz que convem é a diffusa, illuminando mais fortemente trez quartos e o resto do rosto ficando na sombra.

As extremidades superiores e inferiores devem estar collocadas de modo que não se achem n'um pla-

(1) Está provado que a luz branca ou do sol é composta de differentes cores, que são segundo uns, tres, segundo outros sete ou mais. Cada uma dessas cores é simples, e portanto simples será a luz que a tiver.

no muito mais anterior que o do resto do corpo, aliás virão muito grandes.

O eixo da objectiva deve estar á altura da cabeça do modello, ou antes mais elevado que mais baixo. A razão que se dá para esta posição vem a ser o ficar o nariz mais curto, a ponta da barba muito grande quando o eixo da objectiva é horizontal. O fundo deve ser escuro, e a distancia geralmente faz sobresair o retrato com um fundo em que entre uma paisagem um pouco afastada, e mesmo a existencia de objectos d'ornato dos lados da figura é conveniente para que a attenção se divida um pouco, a photographia ganha em belleza.

As cores do fato influem um pouco. Deve haver o cuidado de que não sejam muito claras, pois parecerá o individuo trigueiro. Em geral devem escolher-se em harmonia com a côr do individuo, advertindo que as cores verdes e amarellas custão muito a impressionar, e assim as roupas precisando muito mais tempo que o rosto este ficará imperfeito, demasiadamente carregado em côr, e mesmo manchado.

São as roupas pretas com reflexo de setim as que produzem melhor effeito.

Quando é uma vista, deve o instrumento achar-se a uma distancia que não exceda á altura do edificio. Procurar trazer ao fóco o plano mais notavel, o que caracteriza mais o edificio. Prolongar o tempo d'exposição sobre tudo havendo grandes massas de verdura a copiar. São estes os cuidados mais notaveis que se devem ter.

(Continúa)

J. A. DA SILVA.

### SAUDADE.

Dize-me inteira a verdade;  
 Onde te veiu o desejo  
 De saber o que é saudade?  
 Tão feliz és, que na vida  
 Não tenhas, sequer um dia,  
 Visto uma nuvem sombria  
 Toldar-te da esp'rança o ceu;  
 Ou nunca o teu pensamento  
 Se volveu com sentimento  
 Ao passado que morreu?  
 Então não sabes de certo  
 O que é esta dor sentida,  
 Que nos traz sempre de perto  
 Uma ventura perdida!

Se eu de ha muito não houvera  
 Aprendido a padecer,  
 Comtigo lições tivera  
 De não ter mais que aprender.  
 E tu perguntas-me ainda,  
 (Ha na pergunta maldade)  
 Se eu não sei o que é soffrer,  
 Se eu não sei o que é saudade?!

Pois não sei! Pois eu que a vida  
 Trago presa a um olhar teu,  
 E que á tua imagem, qu'rida,  
 Dei culto, razão e fé:  
 É possível que a saudade  
 Então não saiba o que é?

Sei demais. Se te não vejo,  
 Nem pergunto ao coração,  
 Porque me corre o desejo

Tão longe de mim então:  
 Nem porque vaga tristeza  
 Me enluta as compridas horas,  
 Que ao recordar-me o teu nome  
 Envolvida na saudade  
 Vem a dor que me consome!

Se por acaso os teus olhos  
 Nos meus se fitam um dia,  
 Que lenta e funda agonia  
 Segue o momento encantado,  
 Em que eu andei embalado  
 Nos sonhos da phantasia!

E tu, duvidas que eu sinta,  
 E que saiba o que é saudade!  
 Pois o que é esta anciedade,  
 E este bemquerer incerto,  
 Que te traz sempre tão longe,  
 E sempre de mim tão perto?  
 Dize mais: pois este affecto  
 Que vive desamparado,  
 De que vive? Por que dura?  
 Por que não tem acabado  
 Se anda tão longe a ventura?

É que a saudade alimenta  
 Este sonho, esta chimera,  
 Que só por mim é sentida,  
 Que só em mim é sincera.  
 Sabe pois que a minha vida,  
 (Jurei fallar-te a verdade)  
 Só póde ser entendida  
 Por quem saiba o que é «saudade.»

L. A. PALMEIRIM.

### RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACCONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(Continuação.)

#### XVI

De algumas pessoas que vieram de França em companhia de Antonio Alvares, e Francisco Martins.

O capitão da nau, em que veiu de França Antonio Alvares, e Francisco Martins, se chamava o capitão Comboc. Veiu um frade portuguez chamado Fr. João, que trouxe perdão para soltarem todos os presos que estivessem na cadeia, por quaesquer delictos, tirados os casos de lesa magestade, e os que tivessem partes, lhes fizeram perdoar, e todos foram soltos, e ficaram na cadeia todos os que estavam presos por culpas contra o snr. D. Antonio, que eram os que atraz nomeei, e assim eram mais Diogo Vieira Pacheco, Hieronimo Pacheco da Lima, Melchior de Magalhães, Gaspar Gonçalves Salvado, Lourenço Estacio Trigueiros, André Frz. filho de Mannel Frz. de Cea, e um padre velho, e outros. Vendo os francezes o zelo com que o povo festejava a vos e opinião do snr. D. Antonio, e vendo a festa que a elles lhe fizeram, o capitão Comboc se foi um dia á cadeia com seus soldados, e disse que botassem fóra todos aquelles traidores que estavam presos para os matar, e para que era tel-os alli, que d'alli persua-

diram outros, pedindo ao carcereiro não quiz, começou a mandar por polvora para arder a cadeia, e os queimar a todos dentro. A esta desordem do capitão Francez não faltava gente do povo, que o persuadia, acudio o corregedor com muita gente, e a justiça da terra, e outra muita gente nobre e de bom zelo e se pozeram a quietar o capitão dizendo-lhe que dentro estavam alguns presos que o eram por outros casos e que os mais haviam de ser sentenciados conforme suas culpas, nas vidas e fazendas, conforme as leis de Portugal; de maneira que com fallas brandas, e bem cortezes, e de pessoas avisadas aquietaram o capitão e a sua gente, e algum povo que os ajudava; e com este se foi, e os pobres presos ficaram como homens que os tiraram das mãos dos verdugos que já estavam com os cutellos nas gargantas. Este padre que veio nesta companhia e trouxe o perdão parecia não ter muita capacidade, porque depois veio nova que na ilha da Madeira o enforcaram com trajos e vestidos de leigo por andar alvoratando os moradores da terra por parte do snr. D. Antonio estando elles reduzidos a obediencia de El-rei D. Philippe.

## XVII

De como D. Pedró de Valdez veio com dez velas de armada e o que lhe succedeu.

Em meiado do mez de julho do anno de 1581 em amanhecendo appareceram dez velas, oito grandes, e duas pequenas, onde entrava uma caravella alfamista, que vinha por mecheriqueira. Em apparecendo, que foi da banda de leste, uns diziam que eram naus de França, outros de Inglaterra, outros que seria armada de Portugal, outros diziam que não podia ser de Lisboa, por que já tinham dado desengano, que não haviam entregar a terra sem primeiro o senhor D. Antonio mandar, e que para virem tomar a ilha por armas, que era pequena armada; de maneira que estando nestas porfias a gente da terra, se atravessou a armada defronte do porto, e se poz a tirar arcabuzaria sem ancorar, e neste tempo ainda não estava feita a fortaleza de Santo Antonio, que depois se fez; e os bateis da armada andavam e vinham fóra por popa das naus, e galeões, e vieram logo a primeira noite pôr-se com soldados detraz donde agora está a fortaleza, para em amanhecendo tomarem os bateis que iam a pescar, e vieram a primeira e segunda noite, e a terceira até que tomaram um barco, e fallaram com a gente da terra, e os bateis do mar dizendo que se entregassem ao serviço e obediencia d'El-rei D. Philippe, e que entregassem a terra senão que haviam botar em terra mil soldados. Riram-se disso, antes em vindo qualquer batel da armada com recados lhe atiravam. Andaria a armada defronte do porto e ilha como dez dias: a gente se vigiava pelas costas o melhor que podia; mas como a armada era pequena não faziam caso della; e se descuidaram na vigia, e em vespora de Santiago, como a armada se foi pôr defronte da Villa de San-Sebastião, mandaram desta cidade o licenceado Domingos Onzel com trinta homens arcabuzeiros e piqueiros ao Porto do Judeu, que é uma freguezia ao longo do mar. Vendo-se lá Domingos Onzel com os soldados mandou vir biscoute e uma rez e uma pipa de vinho, para comerem e beberem, e á tarde mandou que os piqueiros se viessem para a cidade, e que ficassem os arcabuzeiros, que seriam vinte e que, succedendo alguma cousa, bastavam com a gente do lugar e freguezia.

## XVIII

Do que succedeu ao dia de Santiago.

Depois que Domingos Onzel despediu os piqueiros, e dizendo para que eram lá mais de vinte homens arcabuzeiros, pareceram bem na cidade, por ser legua e meia della, que mandassem lá alguns homens nobres de cavallo, e pé, para darem mais presstes recado do que podesse succeder; e foram Martim Simão de Faria, Antonio de Ornellas de Gusmão, e Manuel Pires Teixeira, Gaspar Glz. Salvado, Pantaleão Toledo, o Licenceado Domingos Fernandes, e André Fernandes de Cea. E chegados lá consultaram com o Licenceado Domingos Onzel onde haviam estar aquella noite, para verem a armada, que mostrava alguns signaes de querer o dia de Santiago botar gente em terra, dizendo que seriam o ditto D. Pedro de Valdez, cometter não fosse o tal erro grande, de maneira que repartida a gente nas distancias dando a cada nobre quatro arcabuzeiros, entrando a gente da freguezia. O mar estava muito manso e a costa toda descuberta e sem fortaleza alguma, que depois se fizeram muitas; quando ás quatro ouviram, os que estavam mais arredados, tanger o sino da igreja de Santo Antonio, que era o orago daquella freguezia, e é hoje em dia; o ouviram atirar arcabuzaria, que eram os soldados castelhanos aos da terra. Os que lhe coube aquelle lugar, que é a casa da salga, acudiram brevemente, e, em chegando, os soldados estavam em terra, e os bateis das naos com a barca que tinham tomado já iam buscar mais gente, e podiam estar em terra duzentos soldados que botaram logo da primeira vez. Estes se entrincheiraram logo o melhor que poderam, e outros ás arcabuzadas com os da terra, que podiam ser cinquenta soldados. A villa de San Sebastião está acima como um quarto de legua pequena. Quando acudio a gente vinham os bateis das naus carregados de soldados e armas e feixes de piques, e traziam como outros dusetos homens soldados; e os capitães mestres-de campo, e mais officiaes já estavam em terra quatrocentos homens, gente muito illustre e soldados velhos, que certo era para temer, e sua ordem e esforço era de grandes e animosos soldados. Vivia alli um Bartholomeu Lourenço com mulher e filhos; a mulher andava em corpo, sendo mulher nobre e moça, e seu marido lavrador rico entre a gente da terra, dizendo que ella fugira d'entre as mãos delles, cuidando que seu marido fizera o mesmo, e que o tinham já cativo ferido, fugindo um seu filho que o viera contar. A pobre mulher andava como doida, e os soldados da armada de posse da casa e de toda sua fazenda, e os soldados da armada senhores do mar, e os barcos e os bateis a desembarcar gente, té que botaram em terra como mil soldados, e se entrincheiraram e se pozeram em tal ordem e concerto, que pareciam quatro mil homens. Seria as nove horas do dia, quando da cidade, e Villa da Praia, e mais montes podiam estar como tres mil homens, e cada vez iam crescendo mais, de maneira que se juntariam té o tempo de batalha quatro mil homens, com os francezes da nau de Antonio Eschalin, e gente que já estava nesta cidade das mais ilhas, que podia haver na ilha seis mil homens de peleja. Os soldados castelhanos estavam debaixo, e a gente que vinha descendo toda lhe ficava descoberta; O capitão Artur de Azevedo, de baixo, ao longo do mar, com uma peça de artilheria em um carro e uns bois para lhe desmanchar e desbaratar o campo; que tem

falta lhe fizera muito damno, por os tomar atravessados. Vendo os soldados castelhanos o damno que lhe podia vir, como homens perdidos remetteram como vinte muito esforçados antes de se pôr em ordem e desparar da peça, e os que iam diante lha largaram, e se retiraram com muita pressa: os soldados a levaram ás mãos por ser pequena, de que ficaram muito animados, e contentes.

(Continua.)

## ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

### IX.

(Continuação.)

O mahometismo já tinha prevertido o sentimento moral de Ondotó; elle, que por alguns annos, e só pelas mui fracas recordações da imperfeita educação catholica, que tinha recebido dos frades capuchos, tinha sabido resistir ás praticas dissolutas dos seus compatriotas; e que nem pela cabeça lhe passára dar uma rival a Kiangi, usando do seu direito de polygamia: elle, que tinha tido tão fortes e tão profundos remorsos por uma fragilidade em que caiu pela fraqueza dos sentidos n'um estado de meia embriaguez, e em circumstancias taes que não podiam ter influencia no coração de um selvagem senão se elle tivesse levado até á delicadeza de um catholico os sentimentos que recebera do seu trato com elles na meninice; eil-o agora que procede com reflexão, e muito a sangue frio trata de expulsar Kiangi do seu coração, pois o reparte com outra; e digo expulsar, porque o coração do homem é vaso muito estreito para caberem nelle juntos dois amores, digam o que disserem poetas e romancistas, que bem sabem que mentem, ou seja para alardearem de sua habilidade, vestindo de galas hediondos paradoxos, ou o que seria muito peor para corromperem os costumes dos jovens que os lerem.

E ahí está a razão porque Ondotó não disse que era casado. Ao principio podia ser a sua dissimulação necessaria para não ser conhecido, mas mais tarde foi odiosamente calculada; porque, com quanto a polygamia seja seguida nesta terra, com quanto seja um direito religioso do sectario do alcorão, não é crível que Boukari consentisse em dar sua filha a um homem que já era casado com uma selvagem, que viria sempre a ter a primasia sobre a mulher que entrou na casa de seu marido depois della, esposa recebida legitimamente. Assim Boukari não sabia que Ondotó era casado, porque este lh'o não disse, e por que Valerio tambem lh'o não mandou dizer, ou por que nunca suspeitasse que o mandinga desse sua filha a um papel, ou porque nos planos que revolveia lhe não fizesse conta dizer nem uma palavra a respeito de Kiangi: Boukari portanto ficou cheio de gosto, abraçou o selvagem com a maior cordialidade, e disse-lhe:

—Felizmente vamos esta noite ficar a Pinsory, que é aquella villa que se descobre lá ao longe assentada sobre esse Outeiro todo cuberto de verdura que se levante diante de nós. Aqui vive um respeitavel marabuto (1), muito instruido nas cousas da nossa religião, e de outras mais ainda que é necessario que saibas. Se has de receber minha filha é necessario que ou procure preservar-te de qualquer perigo dos mui-

(1) Nome que os mandingas dão aos seus sacerdotes.

tos a que te expoz a morte de Pimping; e a carta do nosso Valerio que te li devia ter-te feito conhecer onde é que unicamente podes achar essa protecção. Eu não quero violentar a tua inclinação; podes fazer a este respeito o que quizeres, mas não leves a mal que, assim como não devo dar a minha filha a quem não seguir a minha religião, tambem não devo entregal-a a um homem que póde poucas semanas depois deixal-a viuva, porque morreu pendurado n'uma forca, menos pelo que fez do que por não querer tomar as necessarias cautellas. Pensa nisto, meu Ondotó, e amanhã me darás a resposta. Hoje não quero ouvir nada, ainda que quizeses responder-me:

Abraçou-o outra vez; e não disse mais uma palavra.

No outro dia, ainda o sol não assomava no horizonte e já Ondotó se achava ao lado do mandinga para o acompanhar na oração da manhã, que ambos fizeram com todas as prostrações e momicas da lithurgia mourisco-mandinga, e com o rosto voltado para Mecca: e depois que acabaram, e que feitas as abluções passaram a comer, disse-lhe Ondotó:

—Pensei no que me disseste; acho que tens razão, e estou prompto para tudo o que exiges de mim. Leva-me a casa do marabuto, e conta que a minha docilidade em seguir as tuas prescripções será tão illimitada como é excessivo o desejo de possuir a tua filha com a benção do propheta.

Ondotó já estava racionalista, e era por isso hypochrita, como são os da nossa Europa, que fingem acatar o catholicismo na propria occasião em que se applaudem interiormente porque esperam vêr-lhe dar os ultimos arrancos, o que comtudo não conseguirão nunca.

Boukari ficou tão cheio de contentamento, que nem póde achar palavras que o exprimissem. Levantou-se precipitadamente e correu para Ondotó com os braços abertos, e este levantando-se egualmente deixou-se cair nelles. Até que ponto representavam ambos uma comedia? Havia n'ambos alguma coisa de sincero, mas onde é que a sinceridade se desvanecia para dar lugar á impostura? Se agora se dissesse, estava sabida a historia da maior parte dos acontecimentos de Bissáu no segundo quartel deste seculo, e previstos os que hão de desenvolver-se nos seculos futuros.

—Ondotó, a mão de minha filha repousará nas tuas mãos no dia em que o marabuto disser que és digno della. Sabes qual é a condicção com que t'a dou; é portanto de ti e só de ti que depende apres-sar esse momento que dizes desejar tanto, e que o fulgor de teus olhos me assegura que é verdade.

(Continua.)

Sousa Monteiro.

É feliz quem quer só o que póde, e faz só o que deve.

## BIBLIOGRAPHIA.

Acha-se no prelo a comedia — Como se sobe ao poder — de L. A. Palmeirim.

A comedia — O Camões do Rocio — de I. M. Feijó.

O drama — A Torre do Corvo — pelo mesmo auctor.